

Uma análise sobre o agressor no fenômeno bullying

An analysis of the aggressor in the bullying phenomenon

Un análisis del agresor en el fenómeno bullying

Ana Lydia Soares¹

Davi Milan²

Erica Dantas da Silva³

Resumo

A temática da violência no âmbito escolar é identificada pelo fenômeno do bullying, que envolve crianças e adolescentes. O presente artigo teve por objetivo identificar, a partir da literatura científica, quem é o autor do bullying, que assume o papel de agressor neste processo. Para tanto, uma pesquisa bibliográfica foi realizada na base de dados *Scielo*. Foram encontrados trinta artigos inicialmente. Aplicados os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 10 estudos para compor o corpus de análise. Os resultados revelaram que bullying é entendido como forma de designar comportamentos agressivos praticados pelo agressor, em que haja sofrimento e angústia entre as vítimas. Os envolvidos são a vítima, o agressor e a testemunha. O agressor é envolvido em brigas, insatisfeito com a vida, com dificuldades de relacionamento com pais, além de ser agressivo, apresentar raiva, ter baixo autocontrole e baixa agradabilidade. Os impactos na vida dos envolvidos são grandes, tanto que a violência vivenciada na infância ou na adolescência pode se perpetuar, com casos de assédio moral no trabalho. Há a necessidade de se identificar precocemente a prática de bullying, para evitar a criação de ambiente hostil na escola e prevenir até a prática de crimes e uso de drogas. Ademais, compreende-se que é substancial que novas pesquisas e estudos sejam realizados para ampliar o conhecimento sobre esta temática.

Palavras-chave: Bullying; Agressor; Escola.

Abstract

The theme of violence at school is identified by the phenomenon of bullying, which involves children and adolescents. This article aimed to identify, based on scientific literature, who is the perpetrator of bullying, who assumes the role of aggressor in this process. A bibliographical search was carried out in the Scielo database. Initially, thirty articles were found. After applying the inclusion and exclusion criteria, 10 studies were selected to compose the analysis corpus. The results revealed that bullying is understood as a way of designating aggressive behaviors practiced by the aggressor, in which there are suffering and anguish among the victims. Those involved are the victim, the aggressor and the witness. The aggressor is involved in fights, dissatisfied with life, has difficulties in relationships with parents. In addition to being aggressive, angry, has low self-control and low pleasantness. The impacts on the lives of those involved are countless, and much of the violence experienced in

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

E-mail: analydiasoares@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1227-9534>

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Quintana/SP, Brasil. E-mail: davimilan145@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9154-3817>.

³ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras/PB, Brasil.

E-mail: ericadantasdasilva70@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5886-1151>

childhood or adolescence can be perpetuated, with cases of bullying at work. It is essential to identify bullying practices early, to avoid creating a hostile environment at school and even prevent the practice of crimes and use of drug. Furthermore, it is understood that it is essential that new research and studies be carried out to expand knowledge on this topic.

Keywords: bullying; aggressor; school.

Resumen

El tema de la violencia en la escuela se identifica con el fenómeno del bullying, que involucra a niños y adolescentes. Este artículo tuvo como objetivo identificar, con base en la literatura científica, quién es el perpetrador del acoso escolar, quién asume el papel de agresor en este proceso. Para ello se realizó una búsqueda bibliográfica en la base de datos Scielo. Inicialmente se encontraron treinta artículos. Luego de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 10 estudios para componer el corpus de análisis. Los resultados revelaron que el acoso escolar se entiende como una forma de designar conductas agresivas practicadas por el agresor, en las que hay sufrimiento y angustia entre las víctimas. Los involucrados son la víctima, el agresor y el testigo. El agresor está involucrado en peleas, insatisfecho con la vida, tiene dificultades en las relaciones con los padres, además de ser agresivo, enojado, tiene bajo autocontrol y poca simpatía. Los impactos en la vida de los involucrados son grandes, hasta el punto de que la violencia vivida en la infancia o la adolescencia puede perpetuarse, con casos de acoso laboral. Es necesario identificar tempranamente las prácticas de acoso escolar, para evitar la creación de un ambiente hostil en la escuela e incluso prevenir la práctica de delitos y el consumo de drogas. Además, se entiende que es fundamental que se realicen nuevas investigaciones y estudios que amplíen el conocimiento sobre este tema.

Palabras clave: bullying; aggressor; escuela.

Introdução

A temática da violência faz parte da vida do cotidiano brasileiro desde outrora. No âmbito escolar, a violência pode ser identificada pelo fenômeno do bullying, que envolve crianças e adolescentes. Teixeira (2013) demonstra que o bullying está relacionado com comportamentos agressivos e hostis de alunos que se julgam superiores aos outros colegas, acreditam na impunidade de seus atos dentro da escola e, muitas vezes, pertencem a famílias desestruturadas, convivendo com pais opressores, agressivos e violentos.

Na escola, este comportamento pode ser caracterizado por apelidar, ameaçar, agredir, hostilizar, agredir, ofender, humilhar, discriminar, excluir, isolar, intimidar, perseguir, assediar, furtar. Em suma, provoca um sofrimento intenso na vida da vítima. Transtornos comportamentais, como Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), Transtorno de Conduta

(TC) e o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), são comumente associados aos autores de bullying, ou seja, os agressores.

Diante disso, pode-se entender que este comportamento agressivo entre estudantes traz consequências na vida de todos os envolvidos. A busca pela identificação precoce deste tipo de situação deve ser promovida pelas escolas. Quando se pensa em psicoeducação, vislumbra-se que quanto mais pessoas tiverem informações que lhes auxiliem na identificação do problema, mais chances de se evitar suas nefastas consequências.

Contudo Teixeira (2013) salienta que em quadros graves de bullying, é possível que exista a ligação com transtornos comportamentais graves como o TOD, TC, TDAH, depressão infantil e fobia escolar. Nestas situações, a ação de profissional habilitado é de suma importância, pois estas condições podem ser tratadas por psiquiatras, por exemplo. A vítima do bullying já é descrita pela literatura como alguém com grande sofrimento, baixa autoestima, queda de rendimento escolar, resistência ou recusa a ir à escola.

Há correlação entre as vítimas de bullying e situações de extrema violência, como o Massacre de Realengo, ocorrido em 2011, em que um jovem que sofreu bullying invadiu sua antiga escola e assassinou 11 estudantes. Temos também o caso do ataque ocorrido na cidade de Suzano -SP no ano de 2019, que culminou na morte de 10 pessoas, e mais recentemente aconteceu a cidade de Blumenau -SC um massacre que resultou em 4 mortes.

Lamentavelmente, o Brasil não é o único lugar que estes atentados ocorrem. Em 1999 2 estudantes de um colégio de Columbine -Colorado -EUA, planejaram, com alto grau de complexidade, um ataque à escola em que estudavam, que resultou na morte de 12 alunos e 1 professor, e ao término do massacre os autores do crime cometeram suicídio.

Nestes casos citados, é possível que as agressões sofridas na escola tenham funcionado como gatilhos ambientais para a esquizofrenia em que o sujeito apresenta alucinações e delírios (TEIXEIRA, 2013). Os casos de violência na escola cada vez mais podem ser identificados com estes grandes eventos em que indivíduos retornam ao espaço escolar e realizam atrocidades como as de Realengo (RJ); Suzano (SP), Blumenau (SC), etc.

O presente artigo tem como questão norteadora delineada entender: Quem é o agressor no bullying? Assim, tem o objetivo de identificar, a partir da literatura científica, quem é o autor do bullying, que assume o papel de agressor neste processo. Para tanto, uma pesquisa bibliográfica foi realizada na base de dados *Scielo*. Os dados obtidos foram selecionados e

organizados, e em seguida discutidos para ampliar os entendimentos sobre quem é o agressor no bullying.

Em seguida, apresenta-se as produções acadêmicas selecionadas. No momento seguinte, estas produções serão divididas nas seguintes categorias: 1) Significado de bullying; 2) Bullying ocorre em.; 3) É caso de saúde pública; 4) Fatores associados ao bullying; 5) Quem é a vítima; 6) Quem é o agressor no bullying; 7) Consequências futuras e 8) Medidas de enfrentamento. Finalmente, a discussão dos resultados obtidos e a indicação de novas pesquisas a serem realizadas.

Metodologia

Trata-se de uma revisão da literatura, com artigos publicados entre 2019 e 2023. Consiste em pesquisa de natureza qualitativa, método bibliográfico com fonte extraída de bases de dados digitais, cuja realização compreende o período de julho de 2023, especificamente na base de dados *Scielo* a partir dos descritores “bullying” e “escola”. Foram localizados 30 artigos, mas deste total 19 não responderam à questão norteadora. Assim, foram selecionados 10 estudos para a leitura e análise na íntegra.

Resultados e discussões

O objetivo do presente trabalho foi identificar, a partir da literatura científica, quem é o agressor no bullying. Abaixo uma síntese dos artigos selecionados para análise.

Quadro 1: Síntese dos artigos

Artigos	Resumo	Autores
Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar	O objetivo desta pesquisa é analisar as implicações da violência entre pares no contexto escolar, do clima escolar e da percepção dos contextos de desenvolvimento no bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes.	ALCANTARA <i>et al.</i> (2019)
Uso de drogas e <i>Bullying</i> entre adolescentes brasileiros	Este estudo teve como objetivo avaliar possíveis relações entre uso de drogas e envolvimento em bullying entre adolescentes.	SOUSA <i>et al.</i> (2019)
Bullying e uso de	Esse estudo de revisão sistemática da	HORTA <i>et al.</i>

substâncias psicoativas na adolescência: uma revisão sistemática	literatura pretendeu identificar em que medida o envolvimento em situações de bullying e uso de substâncias psicoativas na adolescência se associam, além de verificar se há diferenças em relação ao papel social do bullying.	(2018)
Valores Humanos e <i>Bullying</i> : Idade e Sexo Moderam essa Relação?	O presente estudo objetivou conhecer em que medida os valores humanos predizem o bullying, testando o papel moderador das variáveis sexo e idade.	MONTEIRO <i>et al.</i> (2017)
Associações entre a prática de bullying e variáveis individuais e contextuais na perspectiva dos agressores	Estimar a prevalência de bullying entre estudantes brasileiros na perspectiva do agressor e analisar sua associação com variáveis individuais e contextuais	OLIVEIRA <i>et al.</i> (2016)
Bullying em adolescentes de um centro urbano brasileiro -Estudo “Saúde em Beagá”	Analisar a prevalência do bullying e seus fatores associados em adolescentes brasileiros.	COSTA <i>et al.</i> (2015)
Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental	O presente estudo examinou a relação entre tipos de bullying e sintomas depressivos.	FORLIM; SELKO-PEREIRA; WILLIAMS (2014)
Manifestações e prevalência de bullying entre alunos com altas habilidades/superdotação	Este estudo teve como objetivo investigar o envolvimento de alunos com altas habilidades/superdotação com a prática de <i>bullying</i> , tendo como base os papéis assumidos por eles na condição de vítima, agressor e/ou testemunha. Dentre os comportamentos mais citados.	DALOSTO; ALENCAR (2013)
Bullying entre estudantes com e sem características de dotação e talento	Ainda que poucas variáveis relacionadas ao ajustamento socioemocional tenham sido investigadas, os resultados permitem inferir que estudantes com superdotação não diferem necessariamente dos pares nesse âmbito do desenvolvimento humano.	OLIVEIRA; BARBOSA (2012)
Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas	Realizar diagnóstico situacional do bullying e autoestima em unidades municipais de ensino, por meio de estimativa da prevalência do bullying, segundo o sexo, faixa etária e situação do ator; identificar o nível de autoestima dos escolares segundo sexo e situação do ator e correlacionar com o envolvimento em situações de bullying.	BRITO; OLIVEIRA (2013)

Fonte: Autores (2023)

Dentre os artigos selecionados, pode-se inicialmente construir 8 categorias de análises, conforme apresentado a seguir. São elas: 1) Significado de bullying; 2) Bullying ocorre em.; 3) É caso de saúde pública; 4) Fatores associados ao bullying; 5) Quem é a vítima; 6) Quem é o agressor no bullying; 7) Consequências futuras e 8) Medidas de enfrentamento.

Significado de bullying

O termo *bullying* é derivado do verbo inglês *bully* que significa intimidar. Mesmo sem tradução literal para o português, essa palavra tem se tornado bastante conhecida no Brasil. É usada para designar formas de comportamentos agressivos - intencionais e repetidos - que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando sofrimento e angústia nas vítimas, sendo que essa prática normalmente ocorre dentro de uma relação desigual de poder ou força (DALOSTO; ALENCAR, 2013).

Forlim; Selko-Pereira; Williams (2014) ainda relembram que o bullying ao ocorrer repetidas vezes coloca os indivíduos expostos a situações vexatórias com o único objetivo de intimidá-la e agredi-la física ou psicologicamente, sendo para Alcantara (2019) um fator de risco e vulnerabilidade social dos envolvidos. A intenção de ofender (agressão verbal), machucar (agressão física) ou humilhar (agressão relacional) alguém de idade igual ou semelhante, sem motivação evidente, causando dor, angústia e humilhação está presente neste fenômeno (HORTA *et al.*, 2018).

Uma das formas mais comuns de violência escolar é o bullying. Bullying é definido como episódios de ações negativas e intencionais desencadeadas em um contexto relacional de desequilíbrio de poder, cuja expressão varia por serem de ordem psicológica, física ou sexual. São formas de intimidação a que adolescentes em idade escolar estão expostos, caracterizadas por provocações e ameaças que tornam o ambiente escolar hostil e sujeito a antagonismos.

As formas de envolvimento nas situações de bullying compreendem: a condição de autor (agressor), alvo (vítima), alvo/autor (agressor e vítima simultaneamente) e testemunha (SOUSA *et al.*, 2019; FORLIM; SELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2014; HORTA *et al.*, 2018). No fenômeno bullying, há agressões físicas, comportamentos verbais, comportamentos de maus tratos psicológicos, comportamentos de manipulação social ou indiretos e ataques à propriedade.

As agressões físicas dizem respeito a bater, empurrar, dar pontapés, entre outros. Os comportamentos verbais se refletem em caçoar e chamar por nomes ofensivos, enquanto os comportamentos de manipulação social ou indiretos são caracterizados por excluir, ignorar e espalhar rumores. Os comportamentos de maus-tratos psicológicos se apresentam como ameaçar, fazer gestos ou expressões faciais provocadores e/ou ameaçadores.

Os ataques à propriedade se configuram como furto, extorsão, destruição deliberada de materiais/objetos (OLIVEIRA; BARBOSA, 2012). No estudo de Brito e Oliveira (2013), foi observado que o tipo de bullying mais utilizado pelos adolescentes foi o verbal, ou seja, com palavras pejorativas e de intrigas, promovendo impactos psicológicos.

Na base do bullying se encontram questões culturais que reforçam a intolerância à diversidade, o desrespeito e um constante sistema de hierarquização e poder nas relações sociais. Essas características têm favorecido a naturalização, banalização e o incremento desse tipo de violência que afeta crianças e adolescentes em diferentes contextos socioculturais. Isso é atestado quando se identifica o uso da violência na família como um preditor para o desenvolvimento de comportamentos de agressão na escola, por exemplo (OLIVEIRA, 2016, p. 37).

Horta *et al.* (2018) enfatiza que os sujeitos envolvidos no bullying, tem associação com prejuízos físicos, sociais, afetivos e cognitivos que podem ser duradouros. Dentre os problemas, destacam-se: problemas de autoestima, de relacionamento com os pares, dificuldades na aprendizagem, evasão escolar, comportamentos violentos, transtorno de conduta, sintomas psicossomáticos, depressão, risco de suicídio e uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas. Oliveira (2016) também apresenta a existência de sensação de mal-estar, trazendo dificuldade de relacionamento, com dificuldade de concentração, gerando impactos negativos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos em questão.

Ocorrência do bullying

Antes mesmo de se identificar quem é o autor do bullying, Costa *et al.* (2015) salientam que a prática sistemática de humilhação ocorre principalmente na escola, porém ultrapassa seus limites. Este fenômeno ocorre em lares, locais de trabalho e em prisões. É o comportamento de um “cara forte” contra alguém.

No caso de adolescentes mais jovens, identificou-se a tendência em relatar o bullying em ambiente escolar, enquanto no caso de adolescentes mais velhos, outros locais foram citados, tais como nas ruas, no trajeto entre a casa e a escola, em casa, na prática de esportes, em festas, no trabalho, entre outros (COSTA *et al.*, 2015).

Para Lisboa; Koller (2004), as ocorrências de bullying ocorrem na escola, porque este é o principal microsistema para as interações entre os pares. Alcantara *et al.* (2019) trazem a importante afirmação que a sociedade é em sua maioria um sistema excludente e agressivo e esses comportamentos refletem-se nas escolas onde concentra-se um número demasiado de alunos com sentimentos e atitudes díspares e que trazem de suas famílias comportamentos e ações diferentes uns dos outros.

Assim, há mal-estar e as condutas de agressividade vem à tona deixando os indivíduos com sequelas psicológicas. Neste sentido, Forlim; Selko-Pereira; Williams (2014) salientam que o bullying na escola ocorre de forma sistemática e contínua, promovendo sintomas de vergonha, ansiedade e dificuldade de relacionamento com os pares e com pessoas do convívio cotidiano.

É caso de saúde pública

Ainda em 2007, a ocorrência do bullying já era imensa e atualmente o problema se agrava em razão do chamado *Cyberbullying*. Uma pesquisa realizada na Europa pela OCDE demonstrou que a ocorrência de bullying escolas variava de 8 a 46%, e a de agressores variava de 5 a 39%, com 20% das crianças em ambas as categorias (COSTA *et al.*, 2015).

No Brasil, estima-se que 30,8% dos adolescentes com idade entre 13 e 15 anos já sofreram *bullying* em algum momento de suas vidas, dos quais 5,4% quase sempre ou sempre nos últimos 30 dias. Mas, em um estudo transcultural, realizado em 40 países, indicou que cerca de 11% deles são vítimas de bullying (HORTA *et al.*, 2018).

Corroborando com este dado, ressaltamos que uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de 6.780 instituições de ensino, foi observado que um percentual de 30,8% afirmou ter sofrido práticas de *bullying* nos 30 dias anteriores à pesquisa (DALOSTO; ALENCAR, 2013).

Os impactos do fenômeno bullying são imensos e encaminham as preocupações com a saúde dos envolvidos. Monteiro *et al.* (2017) enfatiza que o conhecimento acerca de seus antecedentes é importante para lidar com este problema de saúde pública. Oliveira (2016) traz como consequência desastrosa do *bullying*, o uso de drogas e a ocorrência de relação sexual precoce. Também apresenta a possibilidade de drásticas mudanças de comportamento, com depressão e baixo rendimento escolar.

Forlim, Selko-Pereira; Williams (2014) ressaltam que pessoas que sofrem bullying têm a propensão de ter baixo auto estima, isolamento social, piora no rendimento escolar, perda de motivação e propensão de isolar-se socialmente. Horta *et al.* (2018) ainda trazem a possibilidade de estresse, ansiedade, depressão e em casos severos, o suicídio. É preocupante o fato de pais, responsáveis e profissionais entenderem o *bullying* como parte do processo de socialização, isto é, encarar o problema tal como é (MONTEIRO *et al.*, 2017). É como se os danos provenientes já identificados pela literatura não fossem alarmantes.

Fatores associados ao bullying

A literatura indica que sexo e idade dos escolares são características individuais que podem influenciar no envolvimento em episódios de bullying; sendo que a sua intensidade pode variar de acordo com a idade dos escolares. Adolescentes podem praticar bullying para reforçar ou aumentar o próprio status social (MONTEIRO *et al.*, 2017).

O fenômeno bullying está associado à idade, dinâmica familiar, relações interpessoais, contexto social, consumo de álcool e tabaco, baixo rendimento acadêmico, sentimentos de desespero, solidão e qualidade de vida. Além disso, a Organização Mundial da Saúde traz a forte associação entre aumento da violência com o consumo de álcool e drogas (COSTA *et al.*, 2015).

O estudo realizado por Costa *et al.* (2015) apresentou um dado de que há maior prevalência de ocorrência de bullying em adolescentes mais jovens. Monteiro *et al.* (2017) corroboram com esse dado e enfatizam que a prática de bullying relacionada com a idade apresenta um padrão de correlações curvilínea, em que a probabilidade de praticar bullying aumenta seguidamente até os 14 anos, sendo que a partir desta idade, a probabilidade de agredir os pares diminui.

Horta *et al.* (2018) identificaram que há associação entre perpetração de *bullying* e uso de substâncias psicoativas para adolescentes de ambos os sexos. Nesse sentido, Sousa *et al.* (2019) verificaram que o fato de uma pessoa estar envolvida em situações de *bullying* em qualquer posição se mostrou associado ao uso de drogas. É importante frisar que a relação entre *bullying* e uso de substâncias psicoativas em adolescentes representa um grande fator de risco.

Os impactos na vida deles podem ser caracterizados por problemas no desempenho acadêmico, além de estar diretamente relacionados à violência de forma geral. Além disso, tanto o *bullying* quanto o uso de substâncias psicoativas são fenômenos que estão diretamente relacionados à vivência dos adolescentes com o seu contexto social (HORTA *et al.*, 2018).

Sousa *et al.* (2019) buscaram ampliar a compreensão acerca das eventuais relações entre *bullying* e uso de drogas em uma amostra robusta constituída por 1.192 adolescentes escolares brasileiros. Quase a metade (49,5%) dos adolescentes foram classificados como autor, vítima ou autor/vítima de *bullying*.

A relação entre uso de drogas e *bullying* se demonstra da seguinte forma: adolescentes autores de *bullying* usaram algum tipo de droga (exceto álcool e tabaco) (82,9%), álcool (28,3%) ou cocaína (3,8%), enquanto 31,2% dos adolescentes que foram vítimas de *bullying* haviam consumido algum tipo de droga.

Horta *et al.* (2018) entendem que, independentemente do papel social ocupado no fenômeno do *bullying*, os adolescentes envolvidos fazem mais uso de substâncias psicoativas em comparação àqueles não envolvidos. Os agressores tendem a ser os que mais fazem uso destas substâncias. Os autores entendem que deve haver foco na intervenção psicológica, pois há mais vulnerabilidade nestes adolescentes, que necessitam de mais atenção e proteção.

Com relação à localização da escola, identificou-se que há associação com a ocorrência de *bullying*. Isto pode estar relacionado às condições de vida das famílias residentes na zona urbana e a maior exposição aos meios de comunicação de massa e aos apelos e imperativos da sociedade de consumo. Fatores como baixo monitoramento dos pais, imposição da autoridade parental ou o estresse parental pela sobrecarga de trabalho tendem a afetar negativamente o desenvolvimento dos filhos adolescentes.

Diante disso, os filhos se sentem desamparados e compelidos a adotar como estratégias de relacionamento entre os pares a agressão ou o isolamento, mediadas por sentimentos de raiva, competitividade e repúdio às diferenças (SOUSA *et al.*, 2019).

Independentemente do tipo de droga utilizada, a associação com o *bullying* (sofrido ou praticado) se fez presente.

Entende-se que os índices são preocupantes, já que os efeitos negativos do *bullying* repercutem em diversos aspectos da vida do indivíduo, com efeitos potencialmente perturbadores sobre o desenvolvimento psicológico, acadêmico e emocional. Os impactos do *bullying* afetam a vida de uma pessoa de forma global (SOUSA *et al.*, 2019).

Quem é a vítima

A vítima de *bullying* é insociável, insegura, passiva, retraída e tem baixa autoestima. (COSTA *et al.*, 2015). Tendem a ser pessoas insatisfeitas com a vida, com tendências depressivas e suicidas, tendem a apresentar baixos índices de comportamento pró-social, pode apresentar crenças negativas sobre si, baixa habilidade social, isolamento, clima escolar ruim com dificuldades acadêmicas e predisposição para o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos (MONTEIRO *et al.*, 2017). Além disso, elas apresentam dificuldades na interação, incapacidade física e diferenças na aparência física (DEBARBIEUX; BLAYA, 2002).

Adolescentes mais jovens, provavelmente por apresentarem menos recursos cognitivos e emocionais, estejam em maior risco em relação aos prejuízos associados ao envolvimento com o *bullying*, entre eles o uso de substâncias. [...] vítimas de *bullying* com maior idade apresentaram maior chance de uso de álcool, tabaco e maconha que os mais novos, conforme indicado. Há, também, indícios de que a existência de sofrimento psíquico interfira na associação entre os fenômenos (HORTA *et al.*, 2018, p. 135).

Tais características servem à escolha do agressor por vítimas mais frágeis (COSTA *et al.*, 2015). Os adolescentes buscam frequentar festas ou baladas e assim encontrar espaços de sociabilidade e interação social. Nestas tentativas, este sofre mais a pressão dos pares e fica exposto a julgamentos ou ser motivo de chacotas e intimidação.

Se o adolescente já tem autoestima baixa, associada às transições psicossociais que são esperadas nessa fase do ciclo vital, pode se tornar alvo preferencial das provocações dos colegas, o que acaba por reforçar ainda mais a prática reiterada do *bullying* (SOUSA *et al.*, 2019).

As vítimas de bullying, os alvos, são escolhidos em razão das suas diferenças individuais, sejam características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-los mais vulneráveis às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo. Um fato preocupante é que crianças com deficiência correm mais riscos de se tornarem vítimas de *bullying*, riscos estes triplicados se comparado às crianças consideradas normais (DALOSTO; ALENCAR, 2013).

Estas crianças possuem menor repertório de competências sociais e com poucas relações interpessoais, tendo maiores possibilidades de serem excluídas (OLIVEIRA; BARBOSA, 2012). No fenômeno *bullying*, pode haver a diferenciação dos seguintes papéis: vítimas passivas, vítimas agressivas; observadores; ou agressores.

De acordo com os autores, as vítimas passivas podem ser caracterizadas como ansiosas, inseguras e incapazes de se defenderem, enquanto as vítimas agressivas frequentemente apresentam temperamento inflamado, rebatem o ataque e/ou agredem a outros.

Já os observadores são aqueles que convivem com a violência, mas não se manifestam sobre ela. As testemunhas podem sofrer quando se identificam com as vítimas e deixar de apresentar comportamentos relacionados com solidariedade e cooperação (MONTEIRO *et al.*, 2017). Os agressores, individualmente ou em grupo, podem ser os líderes ou seguidores dessa forma de violência (OLIVEIRA; BARBOSA, 2012). Do outro lado da vítima, há o agressor.

Quem é o agressor no bullying

O bullying está associado a envolvimento em brigas com colegas, insatisfação com a vida, dificuldade de relacionamento com os pais e insegurança na vizinhança (COSTA *et al.*, 2015). Nesse sentido, Monteiro *et al.* (2017) demonstram que os fatores preditores do bullying podem ser no caso do agressor: agressividade, raiva, baixa agradabilidade e baixo autocontrole.

Os agressores geralmente apresentam comportamentos como o uso de drogas lícitas e ilícitas. Estes são potenciais pessoas em conflito com a lei. A literatura indica que o agressor apresenta deficiências empáticas, desempenho acadêmico insatisfatório, avaliam negativamente o clima escolar e são expostos a múltiplas formas de violência doméstica. Aquele que pratica bullying na infância tende a apresentar graves problemas na fase adulta.

Dentre eles, destacam-se: personalidade antissocial, abuso de substâncias e transtornos de ansiedade e depressão (DEL REY *et al.*, 2016; LUCAS *et al.*, 2015; NANSEL *et al.*, 2001).

Os estudos analisados por Horta *et al.* (2018) sugerem que associação entre o envolvimento em situações de *bullying* em um papel que envolva a sua perpetração (agressor ou agressor-vítima) e o uso de substâncias psicoativas por adolescentes de ambos os sexos. Isto destaca a importância de se buscar mais dados sobre os agressores no fenômeno *bullying*.

Horta *et al.* (2018) entendem que a menor atenção dada ao agressor pode ocorrer por questões culturais e por um entendimento equivocado de que estes jovens não sofrem ou que apenas obtêm prazer e ganhos com as agressões, o que faz com que mais frequentemente as intervenções sejam direcionadas para apenas para a compreensão das vítimas.

Além disso, estes dados demonstram a importância da construção de diagnósticos precoces diante deste tipo de fenômeno. Mesmo que que não possa ser tomado como regra, indícios de envolvimento em situações de *bullying* servem como alerta para um possível uso de substâncias psicoativas e vice-versa.

Pesquisas brasileiras sobre levantamento do uso de drogas psicoativas entre estudantes do ensino médio e fundamental e dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (IBGE, 2016) demonstraram altos índices de uso de drogas lícitas alguma vez na vida, como álcool e tabaco. Nestas pesquisas, identificaram que os índices preocupantes de *bullying* e de consumo de substâncias psicoativas, uma vez que são considerados problemas que podem resultar em comportamentos de alto risco, com diversas consequências negativas para a saúde dos adolescentes (SOUSA *et al.*, 2019).

Os efeitos negativos resultantes do *bullying* na vida do adolescente se agravam ainda mais quando há o envolvimento com o uso de drogas (LUK; WANG; SIMONS-MORTON, 2012). A associação entre uso de drogas e situações de *bullying* potencializa os riscos para o desenvolvimento de problemas psicossociais na adolescência.

Pesquisadores sugerem algumas hipóteses: (1) o uso de drogas pode funcionar como mecanismo de enfrentamento frente a experiências estressantes vivenciadas durante a vida, incluindo o *bullying* no âmbito escolar; (2) vítimas de *bullying* podem se envolver no uso de drogas como uma forma de enfrentamento de experiências escolares negativas; (3) autores de *bullying*, por apresentarem fatores parentais estressores, percebem a escola como um ambiente hostil e envolto por uma atmosfera carregada, o que favorece o engajamento em hábitos e comportamentos que podem favorecer o uso de diversas substâncias psicoativas

como um modo de enfrentamento das experiências adversas vivenciadas no ambiente escolar (COOK *et al.*, 2010).

O agressor é “the bull”, aquele que tem sua vítima. Nesta relação, há desequilíbrio de poder e falta de reciprocidade (Costa *et al.*, 2015). Brito e Oliveira (2013) veem no bullying uma prática injusta praticada comumente por indivíduos com alguma restrição social, ou seja, que passaram por algum trauma psicológico dentro do ambiente familiar ou escolar e tentam de alguma forma transferir seus traumas para outros do seu convívio de forma agressiva tanto física quanto psicologicamente.

Na pesquisa realizada por Sousa *et al.* (2019), identificaram que os agressores eram mais velhos (13 a 15 anos) e estudavam em séries mais avançadas. Estes dados estão em consonância com os resultados do levantamento nacional realizado com 60.973 estudantes de escolas públicas e privadas do território brasileiro.

Esse levantamento mostrou que há uma relação inversa entre bullying e idade, ou seja, ser vítima de bullying é uma ocorrência mais comum em adolescentes mais novos (13 anos) e ser autor de bullying é mais frequente entre os mais velhos (acima de 15 anos). Além disso, identificaram que no que diz respeito à religião, adolescentes sem religião têm maiores chances de serem classificados como vítima, e adolescentes de escolas de zona urbana, como autor.

Consequências futuras

[...] os resultados obtidos confirmam que é de extrema importância que o contexto escolar se preocupe em identificar e avaliar sistematicamente o bullying, visto que esse fenômeno envolve problemas comportamentais complexos e multifatoriais que podem gerar impacto na saúde física, psicológica e socioeducacional dos estudantes (ALCKMIN-CARVALHO *et al.*, 2014).

Costa *et al.* (2015) enfatizam que a violência vivenciada na infância ou na adolescência pode se repetir na vida adulta, talvez como casos de assédio moral no trabalho. Além disso, a literatura já apresenta associações entre comportamentos de risco como conflito com a lei (delinquência), porte ilegal de arma e uso de substâncias psicoativas com o fenômeno do bullying (SOUSA *et al.*, 2019).

Sousa *et al.* (2019) apresentam que pesquisas realizadas nos EUA e na Finlândia indicam que o indivíduo alvo/ autor do bullying apresentam três vezes mais chances de usar bebidas alcoólicas e sete vezes mais chances de usar drogas, assim como maior tendência ao uso de tabaco. Ademais, ter sido autor e vítima de bullying exclusivamente foi associado ao uso de tabaco, álcool, inalantes, maconha e, em alguns casos, de outras drogas.

Nos EUA, adolescentes vítimas de bullying apresentaram maiores chances de consumo de substâncias psicoativas, bem como padrões mais graves do uso de drogas. Tentativas fracassadas de enfrentamento do bullying se relacionam com a concorrência de comportamentos agressivos e uso de substâncias psicoativas (SOUSA *et al.*, 2019).

No Brasil, poucos são os estudos dedicados a avaliar a associação entre uso de drogas e a ocorrência do bullying, apesar dos fenômenos serem considerados relevantes para saúde pública. Os que existem são revisões de literatura, mesmo diante de sua importância para a saúde pública (SOUSA *et al.*, 2019). Dentre os impactos do bullying, destacam-se: ideação suicida, uso de substâncias psicoativas e retaliações violentas das vítimas (MONTEIRO *et al.*, 2017).

Medidas de enfrentamento

Monteiro *et al.* (2017) salientam que conhecer fatores relacionados à prática do bullying possibilita a identificação precoce de crianças mais propensas a agredirem seus pares. Isto auxilia no delineamento de intervenções que busquem a redução de bullying. Estas intervenções buscam a criação de um ambiente escolar propício para o aprendizado e serve à prevenção de futuros comportamentos criminais.

O fenômeno bullying e suas consequências estão diretamente relacionadas ao bem-estar (COSTA *et al.*, 2015). Sousa *et al.* (2019) salientam que os estudos relativos ao bullying servem de subsídio para minimizar os efeitos nefastos na vida dos envolvidos. A adoção de medidas preventivas é mais que necessária para a diminuição de sua incidência na vida de adolescentes e para seus efeitos futuros.

Monteiro *et al.* (2017) buscaram conhecer em que medida e direção os valores humanos se correlacionariam e prediriam os comportamentos de bullying, checando o papel moderador das variáveis sexo e idade dos pesquisados. Os agressores são aqueles que são

orientados pela busca de reconhecimento e poder, procurando se impor por meio da agressão, para alcançar uma posição de destaque e liderança, sendo assim populares entre seus pares.

Crianças que se apresentaram menos prováveis de se envolver em comportamentos de bullying foram as que se identificaram com a subfunção interativa, representada pelos valores de afetividade, apoio social e convivência. Tais valores representam necessidades de pertença, amor e afiliação, proporcionando a manutenção e harmonia das relações interpessoais, promovendo condutas de respeito mútuo (MONTEIRO *et al.*, 2017).

Os autores salientam que estes valores funcionam como fatores de proteção para os comportamentos bullying. Segundo eles, seria interessante incentivar a transmissão destes valores por parte de pais e professores.

Crianças que já desde tenra idade se orientam por êxito, poder e prestígio são mais propensas a envolverem-se em situações de bullying no papel de agressores ou estariam mais dispostas a fazer valer seus interesses pessoais, impondo-se aos demais, o que pode acarretar em comportamentos de bullying nas escolas. Não se está afirmando categoricamente que estas pessoas seriam bullies, mas que a importância atribuída a esta subfunção agiria como um fator de risco para tais comportamentos. Portanto, aqueles que buscam realizações materiais e preferem agir de modo prático ao tomarem decisões e expressarem comportamentos estão mais predispostos a se envolverem em comportamentos discriminadores, em que o bullying é um dos tipos (MONTEIRO *et al.*, 2017, p.1325).

Brito; Oliveira (2013) pontuam alguns eventos que são relevantes para amenizar a permanência e existência do bullying na sociedade que são promoção de alguns eventos de conscientização e inibição da prática. Pode-se entender que a psicoeducação pode auxiliar na identificação precoce de possíveis agressores e vítimas. Quanto mais conhecimento se tem sobre determinado assunto, mais chance de se promover tratamentos quando necessário (TEIXEIRA, 2013).

Considerações finais

No âmbito escolar, a violência se faz presente a partir de episódios de bullying, envolvendo crianças e adolescentes. Faz parte deste fenômeno comportamentos como hostilizar, agredir ou intimidar alguém que esteja em uma posição considerada inferior. Estas

ações geram consequências em todos os envolvidos e já há indícios na literatura de comportamentos suicidas e até ações criminosas realizadas em escolas entre envolvidos.

A psicoeducação traz a possibilidade de auxiliar pais, professores e estudantes (crianças e adolescentes) a identificar situações de risco. Neste sentido, mostra-se evidente a importância de produção de conhecimento com informações sobre quem são os agressores e suas vítimas. O presente artigo teve objetivo de identificar, a partir da literatura científica, quem é o autor do bullying, que assume o papel de agressor neste processo.

Para tanto, uma pesquisa bibliográfica foi realizada na base de dados *Scielo*. Os dados obtidos foram selecionados e organizados, e em seguida discutidos para ampliar os entendimentos sobre quem é o agressor no bullying. Em seguida, haverá uma apresentação das produções acadêmicas selecionadas. No momento seguinte, estas produções foram divididas nas seguintes categorias: 1) Significado de bullying; 2) Bullying ocorre em.; 3) É caso de saúde pública; 4) Fatores associados ao bullying; 5) Quem é a vítima; 6) Quem é o agressor no bullying; 7) Consequências futuras e 8) Medidas de enfrentamento.

O significado de bullying é entendido como forma de designar comportamentos agressivos praticados pelo agressor, em que haja sofrimento e angústia entre as vítimas. A relação estabelecida entre eles é desigual, em que um pode ter mais poder ou força que o outro. Além da vítima e do agressor, a testemunha faz parte deste fenômeno.

É válido ressaltar que todos os envolvidos sofrerão consequências de suas experiências, haverá prejuízos físicos, sociais, afetivos e cognitivos. Vergonha, ansiedade e dificuldade de relacionamento com os pares são sintomas vivenciados por vítimas de bullying.

Apesar de ser diretamente relacionado ao ambiente escolar, o bullying ocorre em diferentes locais, tais como trabalho, prisões, no trajeto entre a casa e a escola, na prática de esportes, em festas, entre outros.

O cyberbullying veio para piorar os índices de bullying, já que agressões e hostilidades não dependem mais do espaço físico, podendo ser eternizado na internet. Dentre as consequências do bullying, há o uso de drogas e de mudanças drásticas de comportamento, com depressão e baixo rendimento escolar. O sofrimento trazido pode gerar até o suicídio. Diante disso, o bullying é caso de saúde pública.

As diversas associações com o bullying são representadas pela idade, dinâmica familiar, relações interpessoais, contexto social, consumo de álcool e tabaco, baixo

rendimento acadêmico, sentimentos de desespero, solidão e qualidade de vida. No que diz respeito à vítima do bullying, esta é entendida como sendo insociável, insegura, passiva, retraída, com tendências depressivas e suicidas, baixa autoestima. Suas características são úteis na escolha do agressor.

O agressor é aquele sujeito envolvido em brigas, insatisfeito com a vida, com dificuldades de relacionamento com pais, além de ser agressivo, apresentar raiva, ter baixo autocontrole e baixa agradabilidade. Os impactos na vida dos envolvidos são grandes, tanto que a violência vivenciada na infância ou na adolescência pode se perpetuar, com casos de assédio moral no trabalho, por exemplo.

É mais que relevante entender que existe a necessidade de se identificar precocemente a prática de bullying, para evitar a criação de ambiente hostil na escola e prevenir até a prática de crimes e uso de drogas. A criação de conhecimento sobre bullying e sobre quem são os envolvidos parece servir a prática da psicoeducação que busca oferecer conhecimento aos envolvidos no ambiente escolar.

Familiares, professores, funcionários e estudantes podem tendem a ter mais condições de prevenir práticas violentas como o bullying, se souber identificar precocemente como são os geralmente envolvidos neste fenômeno. Pesquisas são necessárias para se identificar a eficácia de práticas psicoeducativas na prevenção do bullying.

Referências

ALCANTARA, Stefania Carneiro de et al. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 509-522, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2019.v24n2/509-522/pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ALCKMIN-CARVALHO, Felipe et al. Estratégias e instrumentos para a identificação de bullying em estudos nacionais. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 13, n. 3, p. 343-350, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5115075>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BRITO, Camila; OLIVEIRA, Marluce. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. **Jornal de pediatria**, v. 89, n. 6, p. 601-607, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0021755713001599>. Acesso em: 17 jul. 2023.

COSTA, Michelle Ralil da et al. Bullying among adolescents in a Brazilian urban center—“Health in Beagá” Study. **Revista de saúde pública**, v. 49, p. 56, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rsp/2015.v49/56/en/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

COOK, Clayton R. *et al.* Preditores de bullying e vitimização na infância e adolescência: uma investigação meta-analítica. **Psicologia escolar trimestral**, v. 25, n. 2, p. 65, 2010.

DALOSTO, Marcília de Moraes; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. Manifestações e prevalência de bullying entre alunos com altas habilidades/superdotação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 03, p. 363-378, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v19n03/v19n03a05.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2023.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002.

DEL REY, Rosário *et al.* A empatia prevê a perpetração do (ciber) bullying e como a idade, o gênero e a nacionalidade afetam esta relação? **Aprendizagem e Diferenças Individuais**, v. 45, p. 275-281, 2016.

FORLIM, Bruna Garcia; STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. **Estudos de psicologia (Campinas)**, v. 31, p. 367-375, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/3qhXySxfdhDWZ9rXyfgLXkh/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

HORTA, Cristina Lessa et al. Bullying e uso de substâncias psicoativas na adolescência: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 123-140, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bbkZx3x7hFVMxtGQ4N3Nymb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2023.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

LUK, Jeremy W.; WANG, Jing; SIMONS-MORTON, Bruce G. A co-ocorrência de uso de substâncias e comportamentos de bullying entre adolescentes norte-americanos: Compreendendo características demográficas e influências sociais. **Revista da adolescência**, v. 35, n. 5, p.1351-1360, 2012.

MONTEIRO, Renan Pereira et al. Valores humanos e bullying: idade e sexo moderam essa relação? **Trends in Psychology**, v. 25, p. 1317-1328, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsya/W7kHx6p9FGGCMHZTS9KKyhv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2023.

OLIVEIRA, Juliana Célia; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Bullying entre estudantes com e sem características de dotação e talento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, p. 747-755, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/63WT3v8BhpcP97QvpFs6try/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2023.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, v. 92, p. 32-39, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/jped/a/wbjvcttSCjHD5rMZc3s6ZVm/?lang=en>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SOUSA, Bárbara de Oliveira Prado et al. Uso de drogas e bullying entre adolescentes brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/KHQQR94KpsYXxkyBRzBxJx/?lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2023.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares**: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

*Recebido: janeiro/2024.
Publicado: novembro/2024.*